

Descalabro na medicina

19 JUN 1993

JOSÉ BARBOSA FILHO

As raízes da ruína do sistema de saúde do nosso país são profundas e caminham pelas crises educacional, política, econômica e de seriedade por que passam o Estado e a Nação brasileira. Esta ruína nos obriga a testemunhar, diariamente, o tratamento desrespeitoso que é dado aos que têm a desventura de adoecer.

Inicia-se todo este processo na área educacional, onde a politicagem rasteira vem há muito se impondo, provocando queda da qualidade do ensino e da medicina. Assistimos perplexos ao mérito do conhecimento ser substituído pela retórica vazia dos que fazem da universidade não um fim mas um meio, utilizando-a para galgar posições, que num passado não muito distante só eram atingidas através dos caminhos limpos da competência amadurecida.

Uma vez usurpadas estas posições, através das eleições pseudodemocráticas, os eleitos, que são sempre os que fazem muito pouco, ocupando-se, tão-somente, do proselitismo político-eleitoral, ficam amarrados às promessas de campanha e por terem, estas usurpações, tempo limitado e não serem sustentadas pela solidez do conhecimento, desencadeiam clima de anarquia onde ninguém manda, porque não há consistência para fazê-lo e ninguém obedece, pois se julga credor de um favor.

Face a estes acontecimentos os concursos de acesso e ascensão à carreira universitária viraram pilhéria, haja vista aqueles que procuram

galgar os degraus do magistério através dos concursos de provas e títulos, não são os que vão deter os cargos de comando e orientação das disciplinas. Estes, para surpresa de todos, serão exercidos pelos eleitos, cujas propostas não serão por ensino mais profundo ou por sistema de aferição de conhecimento mais rigoroso, pois essas não conquistam votos.

Esses fatos têm desvirtuado o ensino e a pesquisa, provocado a discórdia entre os docentes, a desativação dos laboratórios, a evasão dos professores, a destruição total da hierarquia, pois é exatamente na disciplina rígida que se fundamenta a medicina e o seu exercício, tendo como consequência a formação de médicos com nível de conhecimentos muito aquém do desejado.

Uma vez fora da universidade, o caminho a ser percorrido é espinhoso e as opções são poucas: ser empregado do sistema de saúde pública ou dos convênios das empresas de seguro saúde. No primeiro aprendem a trabalhar pouco para ganhar quase nada e no segundo têm que trabalhar muito para ganhar alguma coisa. Cai a qualidade e surgem então as tentações das comissões oferecidas pelas firmas que vendem tecnologia. A arrecadação aumenta, mas os limites da ética e da moral se estreitam e o paciente passa a ser um número dentro de uma grande operação financeira.

Iniciados na universidade, os problemas ficam mais conspícuos em face da decadência do sistema de saúde pública, onde, tanto na rede própria quanto na maioria dos hospitais conveniados, predominam a politicagem eleitoreira, o furto e a corrup-

ção. Fatos esses de todos conhecidos, mas que nunca foram devidamente apurados e os responsáveis punidos. O falecido Inamps, vítima maior do seu gigantismo e dos desacertos de suas administrações, é um triste exemplo que nos causa profunda tristeza e constrangimento.

Urge o enxugamento, a moralização e a racionalização da máquina estatal. Faz-se necessário que os investimentos maiores sejam para as ações voltadas para os grandes problemas de saúde que assolam a Nação brasileira, principalmente aquelas que dificultem a perda da higidez física e mental (ações primárias de saúde), proporcionem condições para reprodução humana harmoniosa (planejamento familiar), combatam as endemias e epidemias, principalmente a da fome e a da miséria e agilizem o atendimento aos grandes problemas médicos (Aids, hipertensão, arteriosclerose, câncer, doenças psiquiátricas, urgências médicas). Para isso é preciso que as verbas cheguem aos seus destinos, os postos e os centros de saúde sejam ampliados, tenham fácil acesso, fatura dos medicamentos básicos e estejam localizados junto aos grandes aglomerados populacionais, em especial das comunidades mais carentes.

O problema é complexo mas não é insolúvel, há de se dedicar atenção ao início (formação de recursos humanos), ao meio (hospitais, postos e centros de saúde), ao fim (ética, moral e o cumprimento, com competência, do dever profissional).

José Barbosa Filho é membro da Academia Nacional de Medicina e professor titular por concurso.